



EDUCAÇÃO DIGITAL, PATRIMONIAL E INTERGERACIONAL EM ESCOLAS PÚBLICAS

Evellym Jamilly Brito Lima¹, Steffanny Bezerra Oliveira², Keila Queiroz e Silva³

keila.queiroz@professor.ufcg.edu.br

Resumo: A educação digital, patrimonial e intergeracional é uma ação extensionista em uma escola pública do bairro das Malvinas em Campina Grande. Esta tem como objetivo principal materializar um processo de educação histórica, local e patrimonial por meio da investigação, divulgação e valorização da história e do patrimônio material e imaterial do bairro, através da criação de um museu digital que narra a história local, com a participação dos extensionistas, alunos, professores da escola e moradores da comunidade, fundamentada em diálogos interdisciplinares, transdisciplinares, interinstitucionais e intergeracionais.

Palavras-chaves: *Museu digital, História local, Educação intergeracional.*

1. Introdução

O reencontro da coordenadora do projeto- que já tinha realizado ações extensionistas no local como tutora do PET-EDUCAÇÃO e produzido um documentário sobre este- com uma moradora do bairro das Malvinas, também professora de História e sensibilizada com a preservação da memória dessa comunidade, culminou com a proposta dessa ação extensionista na Escola pública Virginius da Gama e Melo. Consubstanciado na Educação Patrimonial e história local, foi iniciado o processo de aprofundamento da história das Malvinas, tendo os jovens estudantes da referida escola como os pesquisadores junto aos antigos moradores do bairro, com a mediação dos professores da escola e da equipe extensionista da UFCG.

O foco desse projeto de extensão é construir uma consciência histórica local nas novas gerações em uma comunidade popular estigmatizada pelos próprios moradores e demais moradores da cidade de Campina Grande. As ações pedagógicas extensionistas planejadas em conjunto com os professores da Escola priorizaram sempre o estímulo ao protagonismo juvenil, de modo que os estudantes se sentissem coresponsáveis no processo ensino aprendizagem e se abrissem para vivência de diálogos intergeracionais no cotidiano escolar.

Com o propósito de romper com a visão elitista da história, foram realizadas entrevistas com moradores importantes da comunidade que contribuíram para a criação do bairro e que lutam pela qualidade de vida dos moradores da comunidade no seu cotidiano. Essas

entrevistas serão incluídas no acervo do museu digital em execução.

Nos diálogos intergeracionais experienciados na escola foi constatada uma ausência de sentimento de pertença dos jovens ao seu bairro e de modo a combater isso, foi realizado um mapeamento do bairro com cada estudante, por meio da ferramenta digital padlet sugerida pelo professor de história da escola, por meio da qual os jovens se responsabilizaram em registrar todos os lugares que eles frequentam diariamente, bem como todas as pessoas importantes que eles entrevistaram em seu bairro. Na mesma direção, foi realizada uma aula de campo intitulada “caminhadas pelo bairro” com a presença da equipe da UFCG, dos professores de Geografia, História, Sociologia, Matemática e a líder comunitária participante do projeto.

Levando em consideração a fragilidade da relação dos jovens estudantes populares com os espaços públicos da sua cidade, bem como a necessidade do contato destes com museus e com o propósito de facilitar o processo de criação do museu digital proposto nessa ação extensionista, foi realizada uma aula de campo no Sesi Museu Digital, onde os alunos conheceram um pouco da história de Campina Grande de forma lúdica e interativa, o que contribuiu muito para estimulá-los na participação ativa e consciente na criação do museu digital do seu bairro.



Figura 1 – Visita ao Sesi Museu digital / acervo da UATI

Outro momento emblemático no processo de amadurecimento dos estudantes como protagonistas do

^{1,2} Estudantes de Graduação, UFCG, Campus Campina Grande, PB. Brasil.

³ Coordenador/a, Professora Dra. e pesquisadora com atuação nos Cursos Superiores e nos Programas de Pós Graduações da UFCG, Campus Campina Grande, PB. Brasil.

seu processo ensino aprendizagem foi a realização de oficinas para a criação do museu digital sob a orientação da coordenadora, de toda a equipe da UFCG e do professor de Matemática da Escola Virginius da Gama e Melo no laboratório da UFCG, conforme expõe a imagem abaixo:



Figura 2 – Visita dos alunos da Escola ao laboratório de informática da UFCG para produção do museu digital / acervo da UATI

A presença dos jovens populares do bairro das Malvinas na Universidade Pública foi uma experiência muito rica, ao indagá-los se já conheciam a UFCG, todos responderam que nunca tinham entrado naquele lugar. O semblante de fascínio e medo nos jovens era perceptível. Isso mostrou o quanto a Universidade também precisa desenvolver ações que tragam as pessoas excluídas da cidade para o seu cotidiano, deselitizando o olhar dos moradores citadinos com relação a essa instituição pública. Na ocasião da recepção, foi contada para eles a história da antiga UFPB ,atual UFCG, bem como foi ressaltado para aqueles jovens, naquela aula de campo que eles têm potencial para serem futuros estudantes da UFCG.

A realização da aula para a criação do museu digital na sede da Universidade foi uma iniciativa que pretendemos dar continuidade ,tendo em vista que a extensão deve envolver essa circularidade de saberes e espacialidades entre os envolvidos, assim como a equipe da UFCG frequentou a escola e a comunidade na qual a escola está inserida, os jovens estudantes e a equipe de professores da escola também frequentaram o espaço da Universidade pública. Essa jornada de ruptura de muros espaciais, disciplinares e institucionais que a ação extensionista ora narrada tem percorrido tem materializado a interculturalidade, a interdisciplinaridade, a transdisciplinaridade e a intergeracionalidade sugeridas no projeto.

A aprendizagem do que representa entrar numa escola e entrar numa comunidade foi viabilizada pela perspectiva da antropopedagogia (MORIN:2004), levando em consideração que a execução do projeto não se deu de forma autoritária e vertical, mas de forma dialógica, flexível e sustentada na atitude de escuta sensível e atenta dos professores e estudantes da escola. Todo o processo de intervenção foi fruto de uma contínua investigação das subjetividades locais e das culturas escolares vigentes, bem como do currículo e planejamento que a escola estava adotando. Outra aprendizagem que facilitou o

processo de inserção na escola e nas salas de aula, herdada da experiência do PET-EDUCAÇÃO em comunidades populares urbanas é a necessidade da mediação de um(a) morador(a) líder da comunidade durante toda a execução do projeto, essa mediação minimiza a nossa condição de estranhos e invasores da comunidade e da escola. A participação da moradora do bairro das Malvinas no projeto desde a sua elaboração foi decisiva para a viabilidade e sucesso da ação extensionista, estamos juntos de alguém que é de dentro da comunidade que acreditou na universidade pública , na coordenadora e na equipe como um todo.

Há um abismo histórico entre as escolas públicas e a universidade pública, que os estágios supervisionados têm acabado intensificando, os sujeitos escolares se sentem usados e julgados pelas equipes da universidade. Isso gera uma descredibilidade, desconfiança e sensação de inferioridade por parte dos professores da educação básica. A consciência de que nossos saberes acadêmicos não são superiores e que só se faz extensão com essa consciência de ruptura da hierarquia entre os saberes acadêmicos, escolares e experienciais permitiu a construção de um vínculo e laços de confiança entre a equipe da UFCG e a equipe da escola e por sua vez, o cumprimento do nosso cronograma e até que extrapolássemos os conteúdos e eixos temáticos incluídos no projeto.

Tendo em vista que estávamos em ano de eleição presidencial e a atmosfera negacionista no nosso país estava comprometendo a cidadania das novas gerações, sobretudo por meio de fake news, em acordo com o professor de História da escola, fizemos um planejamento de uma sequência didática com os temas democracia, cidadania e eleições. O letramento conceitual e a educação histórica e cidadã foram realizados em sala de aula e culminaram com a realização de uma eleição simulada nas salas de aula, os estudantes formaram chapa, elaboraram uma carta programa, fizeram um debate e por fim, houve o dia das eleições. No presente momento, estamos investindo na efetiva criação do museu digital, ampliando o acervo de memórias com mais entrevistas com os artistas do bairro e demais moradores importantes da comunidade. Todo o acervo escrito que estava prestes a ser destruído e foi encontrado pela moradora do bairro foi digitalizado pela nossa equipe e vai estar inserido no museu do bairro.

2. Metodologia

A metodologia de extensão adotada no projeto é a pesquisa-ação integral e sistêmica na perspectiva de André Morin [1]. Sua concepção de extensão possibilita a vivência do ensino, pesquisa e extensão dentro do mesmo projeto. Morin [1] enfatiza a importância de ter como ponto de partida, uma etnografia da comunidade objeto das ações de intervenção. Levando isso em consideração, as ações extensionistas buscaram investigar o contexto sociocultural do bairro das Malvinas fundamentadas na antropopedagogia defendida pelo referido autor.

Em se tratando da metodologia da pesquisa sobre a história local, foi utilizada a história oral [2]. Esta possibilitou a escuta sensível dos narradores do bairro, bem como ampliou o registro da história das Malvinas e proporcionou uma troca intergeracional entre os primeiros moradores do bairro e os jovens estudantes, nas oficinas de memória realizadas em sala de aula.

Em termos de metodologia do ensino foi utilizada a pedagogia da pergunta freireana [3] e a pedagogia da cidade [4], reconhecendo a cidade com um texto a ser lido [5], fundamentando-se também na Educação Patrimonial Popular e Intergeracional.

Além disso, foi utilizada a abordagem dialógica freireana em todas as etapas das ações, não hierarquizando as experiências e representações dos alunos e moradores da comunidade com o saber acadêmico, mas construindo um diálogo e somando os saberes experienciais, escolares e acadêmicos.

3. *Resultados e Discussões*

Apesar do tempo reduzido para materializar a ação extensionista dialógica, contextualizada, bem planejada e com o desafio de alinhamento entre o calendário escolar e o calendário da universidade, muitos resultados frutíferos foram alcançados.

Levando em consideração o maior objetivo da extensão universitária, podemos considerar o fortalecimento da relação institucional e pedagógica entre universidade pública, escola pública e comunidade como um dos resultados mais importantes. Podemos citar também, em termos de objetivos gerais da extensão, a vivência da indissociabilidade ensino, pesquisa e extensão por parte dos estudantes universitários envolvidos no projeto, o que contribui muito para compreensão da curricularização da extensão de forma orgânica.

Em se tratando dos objetivos específicos dessa ação extensionista, podemos elencar os seguintes resultados: a formação de uma educação histórica e museológica com os alunos do ensino médio de uma comunidade popular; a experiência do protagonismo juvenil por meio de ações investigativas sobre a história do bairro das Malvinas e na participação da criação do museu que ainda está em andamento; o estímulo ao sentimento de pertencimento e fortalecimento identitário com o bairro. Levando-se em consideração, as pesquisas de SILVA(2022) sobre as relações dos moradores com a cidade de Campina Grande, mais especificamente com ex-precistas da cidade e moradores populares das Malvinas, esse diagnóstico dos jovens da escola das Malvinas é um fenômeno contemporâneo das cidades difusas norteamericanas, que se denomina patologia da despertença (INENARIK apud SILVA(2022)). Essa patologia da despertença aos espaços públicos citadinos, já era fruto da era informacional e com a pandemia causada pelo COVID-19 se intensificou, em função do isolamento social.

Podemos elencar também como resultado significativo da ação extensionista, o combate ao preconceito etário através da vivência com a educação intergeracional nas salas de aula. A invisibilidade das pessoas idosas é um fenômeno social muito preocupante, isso se confirmou nas experiências de narrativa das memórias dos velhos

moradores em sala de aula, tivemos que fazer uma mediação muito atenta e firme para que os jovens se abrissem para ouvir os mais velhos e respeitar aqueles moradores como os grandes líderes comunitários e os guardiões da memória local. Nas oficinas de memória e aprendizado da Educação Intergeracional foi o maior desafio e ao mesmo tempo o caminho pedagógico determinante para que as oficinas se realizassem. O despertar do gosto pelo passado, do gosto pelo conhecimento da história do seu bairro, do gosto pela presença dos mais velhos na sala, do gosto pela troca intergeracional foi o foco primordial dessas ações. Neste sentido, é mister reconhecer que a intergeracionalidade está presente nas salas de aula e que muitos dos conflitos que inviabilizam um processo ensino /aprendizagem mais fluido têm suas raízes nos diferentes lugares etários e suas respectivas leituras de mundo. O ageísmo, ou etarismo é o preconceito que se sedimenta entre diferentes gerações [7], esse é um fenômeno social que gera um mal estar velado e um abismo simbólico e emocional no cotidiano escolar.

É válido ressaltar que o projeto em execução está vinculado à Universidade Aberta à Terceira Idade da UFCG que tem como princípio pedagógico a Educação Intergeracional, conforme Silva [6] Essa proposta extensionista possibilita o encontro das novas gerações com o passado do seu bairro, o que implica necessariamente no encontro destes com os antigos moradores, com aqueles sujeitos históricos que participaram ativamente da ocupação e da luta por infraestrutura no local.

Além disso, o projeto possibilitou uma ação reflexiva sobre o uso da tecnologia como estratégia de ensino, tendo em vista o cenário pandêmico dos últimos anos e a imprescindível presença dos recursos digitais na sociedade. Nesse sentido, nos apoiamos em Pierre Lévy [8] ressaltando a importância das ferramentas tecnológicas nas práticas pedagógicas, pois elas ampliam os espaços de saberes e tornam o ciberespaço um local de aprendizagem. Essa ação extensionista está em coerência com os pressupostos da educação digital ora apresentada, tendo em vista que mergulhamos alunos e professores nas memórias do bairro das Malvinas e construímos materiais pedagógicos virtuais com base no conteúdo dessa pesquisa sobre a história local.

Com relação aos efeitos do projeto na formação acadêmica dos extensionistas, além dos já citados, podemos destacar a troca interdisciplinar entre os extensionistas (Estudantes dos cursos de Educomunicação, História e Pedagogia) e na escola com os professores das disciplinas de História, Matemática, Geografia, Filosofia e Sociologia na construção coletiva do museu; a formação de uma escuta sensível aos mais velhos como referenciais de sabedoria e experiência; bem como o aprofundamento teórico e prático na educação patrimonial, intergeracional e digital.

Desse modo, este projeto envolveu as diversidades etárias e os recursos digitais na construção de uma identidade local e memória do bairro das Malvinas,

contribuindo para a construção de uma educação patrimonial, considerando que os jovens estudantes, mesmo sendo moradores populares são usuários ativos de celulares, nativos digitais e têm uma habilidade muito grande no uso das ferramentas digitais, o que se apresenta como o saber que eles dominam, em diálogo com o saber experiencial dos velhos moradores do bairro, os saberes disciplinares dos professores da escola e os saberes disciplinares e acadêmicos dos estudantes e da professora coordenadora do projeto. Essa é efetivamente uma experiência pedagógica circular e intergeracional que enxerga a potência nas diferenças etárias e ao entrelaçar esses saberes e afetos cidadãos, permitiu a criação do museu digital do bairro das Malvinas que vai dar visibilidade ao patrimônio material e imaterial dessa rica comunidade popular urbana campinense.

4. *Conclusões*

A educação patrimonial experienciada nessa ação extensionista possibilitou a abertura para novas leituras do texto cidade, como forma de promover a desestigmatização dos sujeitos de origem popular, promovendo nestes a sensação de pertencimento, valorização e empoderamento. Contribuiu também para a superação do ensino tradicional de história, cuja essência se vê ancorada em uma única e verticalizada leitura do texto cidade, da elite. Conforme Silva [6] A leitura elitista do texto cidade gera estigmas e invisibilidade aos populares e seus lugares de moradia marginais. Essa experiência de exclusão e de pouca valia é vivenciada por muitos alunos de escolas públicas em seu cotidiano. Nessa perspectiva, este projeto de extensão denunciou e procurou romper com essa leitura do texto cidade, que traz em si o discurso segregacionista das classes dominantes, como também vinculou o ensino ao contexto sócio-histórico promovendo a construção cidadã dos jovens estudantes de escola pública, contribuindo para o reconhecimento da história da ocupação das Malvinas como uma afirmação do direito de todo(a) o(a)s moradores à cidade. Estimulou também, as novas gerações a serem protagonistas cidadãos ao registrarem essa história em um museu local organizado e criado com eles, no qual eles irão atuar como responsáveis pela sua atualização e manutenção.

A comprovação da reciprocidade da importância do projeto para a equipe da escola e da universidade se confirmou na culminância das disciplinas eletivas no encerramento do ano escolar. O nosso projeto foi transformado em uma disciplina eletiva por um professor de Sociologia da escola, com o apoio do de Geografia e o de Matemática e os alunos apresentaram a proposta, a execução e o resultado dos projetos no dia da culminância da eletiva, naquele momento concluímos que toda a ação extensionista foi relevante para ambas as instituições públicas. Em breve, faremos o lançamento do museu digital na escola, na universidade e em um museu local da cidade de Campina Grande, de modo a investir na educação museológica na cidade.

Diante do exposto, destacamos a necessidade de continuidade dessa proposta extensionista, haja vista o tempo reduzido do projeto e a necessidade de continuar

promovendo esta robusta, complexa e rica experiência que ultrapassa as fronteiras geracionais e disciplinares promovendo a valorização e divulgação do patrimônio histórico de um bairro popular de Campina Grande, como também a prática pedagógica que integra a cultura digital no processo de fortalecimento identitário de moradores de novas gerações.

5. *Referências*

[1] MORIN, André. Pesquisa – ação integral e sistêmica: Uma antropopedagogia renovada. Rio de Janeiro, DP&A, 2004.

[2] BOSI, Ecléa. O tempo vivo da memória: Ensaio de Psicologia Social. São Paulo: Atheliê Editorial, 2003.

[3] FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 25. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

[4] SILVA, Keila Queiroz e. Os bairros dizem a cidade. In: Ensino de História, memória e cidades. Revista Mnemosine vol.8, n.4, PPGH/Campina Grande, 2017.

[5] CERTEAU, Michel de. A invenção do Cotidiano: 1. arte de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

[6] SILVA, Keila Queiroz e. Educação histórica no Curso de Pedagogia: das memórias de estranhamento ao encontro com o lugar. In: Saberes históricos, patrimônio e espaços de memória. (org. MAIOR, Paulo Souto et al. João Pessoa: Editora CCTA, 2022.

[7] BUTLER, R.N. Age-ism: another Form of Bigotry. The gerontologist. Vol.4, n.9, 1969.

[8] LEVY, Pierre. O que é virtual. São Paulo: Ed. 34, 1996. Medeiros, T. J.; Silva, T. R.; Aranha, E. H. S. (2013)

Agradecimentos

À Universidade Aberta à Terceira Idade (UATI), à Unidade Acadêmica de Educação e à Pró Reitoria de Pesquisa e Extensão por todo suporte e auxílio.

À Escola Estadual Virginuis da Gama e Melo pela parceria e colaboração no desenvolvimento das atividades.

À UFCG pela concessão de bolsa(s) por meio da Chamada PROPEX 003/2022 PROBEX/UFCG.